

A ARTE DE REMEMORAR NA OBRA *MINHA VIDA DE MENINA*

Clarice Braatz Schmidt Neukirchen¹

RESUMO: *Objetiva-se, neste artigo, apresentar reflexões acerca de como se realizam os processos de recordação na obra *Minha vida de menina*, de Helena Morley, revelando a existência da memória coletiva, na qual ampara-se a individual, bem como de uma memória mítica, em que se inscrevem imagens e símbolos que fazem parte da vida psíquica dos indivíduos, as quais contribuem para a perpetuação de costumes, preceitos e tradições.*

PALAVRAS-CHAVE: *Memória; Literatura; Sociedade.*

ABSTRACT: *The objective of this article is to show reflections about how the recordation process realizes in *Minha vida de menina*'s work, by Helena Morley, disclosing the collective memory's existence, where the individual sustains, as the mythical memory, in what it enrolls pictures and symbols that bellows to the individual's life, those contribute to the costumes, rules and traditions perpetuation.*

KEYWORDS: *Memory, Literature, Society.*

Nascida em Diamantina, Minas Gerais, em 28 de agosto de 1880, Helena Morley, cujo verdadeiro nome era Alice Dayrell, nunca escreveu realmente para o público. *Minha vida de menina*, sua única obra, é a reunião de textos escritos na infância e adolescência, resgatados com o intuito de demonstrar aos netos como era a vida nos tempos passados.

Publicado em 1942, *Minha vida de menina* teve um sucesso até então insuspeitado pela autora. Foi, desde o lançamento, muito bem acolhido pela crítica, bem como pelo público leitor, o que ocasionou que várias edições se esgotassem rapidamente. Traduzido para o inglês por Elizabeth Bishop, foi recebido de forma muito positiva também nos Estados Unidos e Inglaterra. Possui, ainda, traduções em Francês e Italiano, além de ter uma edição em Portugal.

¹ Acadêmica de Pós-graduação *Stricto Sensu*, em Letras, da Unioeste, nível de mestrado, com área de concentração em Linguagem e Sociedade, orientada pelo Prof. Dr. Antonio Donizeti da Cruz. Bolsista do Programa de Demanda Social da CAPES.

Alexandre Eulálio, autor cujo texto crítico abre o livro de Morley, observa que *Minha vida de menina* é uma obra que já nasceu clássica. Afirma que

Minha vida de menina ocupa uma posição especial entre os livros escritos no Brasil. Diário de uma adolescente, composto sem intenção de arte, um fenômeno por todos os títulos curioso, amanheceu clássico, vindo a conquistar imediatamente, sem alarde, um lugar de destaque em nossas estantes (EULÁLIO in MORLEY, 1994, p. x).

A obra, resultante de um trabalho que Eulálio classifica como “modesto e admirável”, pode ser considerada como uma espécie de universo individual, em que são resumidas as vivências da infância, de forma singela e descompromissada. Citando este mesmo autor, o livro deve ser encarado como “uma espécie de amplo painel primitivo que minuciosamente reproduzia o límpido território humano da menina Helena Morley” (1994, p. XIV).

O tema da memória é um dos assuntos que tem despertado a atenção de teóricos de diversos campos do saber. Maurice Halbwachs, em *Memória coletiva*, apresenta reflexões acerca de como se realizam os processos de rememoração. Para o autor, o ato de recordar é efetivado por uma memória social, ou seja, as lembranças são coletivas. Segundo Halbwachs, até mesmo os acontecimentos em que somente nós estivemos envolvidos têm sua base na memória coletiva, haja vista que, na realidade, nunca estamos sós. De acordo com o teórico, “cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda conforme o lugar que ali eu ocupo, e que este lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho com outros meios” (HALBWACHS, 1990, p. 51). O funcionamento da memória individual também se dá a partir de meios emprestados da coletividade: as palavras e as idéias, sendo limitada no espaço e no tempo. Geralmente, costumamos considerá-la como uma faculdade individual, particular e isolada. No entanto, tanto a memória histórica quanto a individual estão apoiadas na coletiva, sendo que não apenas os fatos vividos prendem-se nesta, mas até mesmo a maneira de ser e de pensar de outrora nela se fixam.

Halbwachs observa que as lembranças reais e fictícias acabam, sempre, se confundindo, o que significa que a forma como os fatos são rememorados nem sempre corresponde exatamente à realidade dos acontecimentos. As reminiscências envolvem aquilo que estava no centro da vida afetiva e intelectual do indivíduo no momento em que determinado fato ocorreu, o que contribuiu para que

estas representem apenas parte do que realmente foi vivenciado, prendendo-se naquilo que foi mais significativo. Conforme os acontecimentos distanciam-se do tempo presente, há uma tendência de serem lembrados sob a forma de conjuntos. Recordações familiares, grupais e reflexões pessoais tendem a se mesclar. Nessa perspectiva, a lembrança pode ser considerada “uma imagem engajada em outras imagens, uma imagem genérica reportada do passado” (HALBWACHS, 1990, p. 73). Segundo este autor, ao contemplar um objeto, este agiria sobre a pessoa como um sinal, dando margem à recordação de fatos passados. Esta evocação dar-se-ia de forma semelhante em todos os integrantes de uma mesma sociedade. Até mesmo as impressões afetivas tendem a se manifestar por meio de imagens e representações coletivas. As imagens espaciais, isto é, do meio exterior que circunda o sujeito, desempenham um importante papel na memória coletiva e individual, direcionando, inclusive, o primeiro plano da idéia que este faz de si mesmo.

Ecléa Bosi, em *Memória e sociedade*, observa como se dá a influência das recordações na consciência atual. A autora apresenta a memória pessoal também como social, grupal e familiar. Ao analisar as falas de idosos, a autora, ao invés de apontar para as questões da veracidade dos relatos apresentados, chama a atenção para “o que” e a forma “como” foi lembrado, pois, para Bosi, “a memória é um cabedal infinito do qual só registramos um fragmento” (1994, p. 39), sendo que as lembranças pessoais tenderiam a se dissolver mais facilmente que as socializadas.

De acordo com os pressupostos teóricos de Henri Bergson, a consciência que o indivíduo possui de sua corporeidade estaria em constante convívio com seu meio físico e social, sendo que esta consciência seria um dos elementos responsáveis pela ação do sujeito sobre seu meio, ligando, assim, a imagem do corpo à ação. As lembranças, por sua vez, seriam “precisamente o ponto de interseção entre o espírito e a matéria” (BERGSON, 1990, p. 4). A partir da relação do homem com o exterior e, graças às lembranças armazenadas na memória, às percepções e à possibilidade de criar associações, que este saberia como agir frente a dada situação. Citando o filósofo, na memória:

há um sistema de imagens que chamo minha percepção do universo, e que se conturba de alto a baixo por leves variações de uma certa imagem privilegiada, meu corpo. Esta imagem ocupa o centro; sobre ela regulam-se todas as outras; a cada um dos seus movimentos tudo muda, como se girássemos um caleidoscópio (BERGSON, 1990, p. 15).

Todas as recordações encontrar-se-iam em estado latente, sendo atualizadas pela consciência no momento em que são ativadas. Bergson demonstra que o passado se conserva sob duas formas distintas: a partir de mecanismos motores, isto é, adquirido pela repetição de um mesmo esforço, visando uma prática utilitarista; e por meio de lembranças independentes, que:

sem segunda intenção de utilidade ou de aplicação prática, armazenaria o passado pelo mero efeito de uma necessidade natural. Por ela se tornaria possível o reconhecimento inteligente, ou melhor, intelectual, de uma percepção já experimentada; nela nos refugiaríamos todas as vezes que remontamos, para buscar aí uma certa imagem, a encosta de nossa vida passada (BERGSON, 1990, p. 62).

Assim, pode-se dizer que, de acordo com a teoria bergsoniana, a memória seria uma espécie de conjunto de imagens passadas que, misturando-se constantemente com a percepção do presente, tornam possíveis determinados tipos de associações, as quais dão amparo ao indivíduo para que este saiba com agir. Ao mesclar-se com as percepções do presente, tais imagens podem, inclusive, serem alteradas, complementadas e enriquecidas. Menciona-se, ainda, que lembrança e percepção, duas realidades distintas, encontrar-se-iam em constante convívio. Conforme afirma Bergson, “esses dois atos, percepção e lembrança, penetram-se portanto sempre, trocam sempre algo de suas substâncias” (1990, p. 50).

Já Gaston Bachelard, ao tratar dos devaneios voltados à infância, observa que as vivências infantis “deixam em certas almas marcas indeléveis” (2001, p. 94), visto que “a memória é um campo de ruínas psicológicas, um amontoado de recordações. Toda a nossa infância está por ser reimaginada” (2001, p. 94). Bachelard defende a tese de que, na alma humana haveria um “núcleo de infância”, onde esta permaneceria sempre viva, mas que, no entanto, só teria um “ser real” nos momentos de iluminação, ou seja, naqueles instantes de existência artístico-literária.

A infância apresenta-se como um espaço sem limites, em que o devaneio ocorre de forma completa, como um verdadeiro “alçar vôo”. Eis um dos porquês das recordações que se referem a ela apresentarem-se, sempre, envoltas por uma áurea de encantamento e mistério, revelando um espaço aberto à imaginação fantasiosa, na qual a junção entre imaginação e memória teria o poder de nos fazer reviver um “estado de nova infância”, marcado por um onirismo

primitivo e natural que estaria, sobretudo, envolto de solidão. No dizer de Bachelard,

é nas lembranças dessa solidão cósmica que devemos encontrar o núcleo da infância que permanece no centro da psique humana. É aí que se unem mais intimamente a imaginação e a memória. É aí que o ser da infância liga o real ao imaginário, vivendo com toda a imaginação as imagens da realidade (BACHELARD, 2001, p. 102).

Por não ser datada, a memória referente à infância pode ser considerada primordial, perdida no cosmos, pertencente a todos os tempos. Bachelard compara, ainda, a infância a um labirinto, por meio do qual ingressamos na vida, deixando para trás o que era antes dela, ou seja, a infância seria uma espécie de fonte de Letes², da qual todo ser beberia para esquecer sua existência primitiva.

É interessante notar que, para Bachelard, ao contrário do que afirma Halbwachs, para que haja a evocação de uma lembrança pura, ou seja, para que recordemos um fato tal e qual aconteceu, precisamos estar “dessocializados”. Assim, enquanto Halbwachs prega que a pureza das recordações dependerá do grupo social, para Bachelard, somente a solidão pode levar um indivíduo a uma recordação pura.

A recordação da infância é um dos temas sempre presentes na literatura. Em *Minha vida de menina*, esta se apresenta não apenas como tema da obra, mas como um dos instrumentos de construção artística. O livro, ao ser escrito em forma de um diário, por si só já convida o leitor a ingressar em um universo de recordações, apresentando um narrador em primeira pessoa, que descreve os acontecimentos da vida infantil de Helena Morley, narradora, personagem e autora do livro.

Apesar de explicitar as datas dos escritos, o que chama a atenção não são os eventos históricos, isto é, datáveis, mas os fatos cotidianos que, costumeiramente, perdem-se na história. É a vida que envolve a menina, seus familiares e amigos mais próximos a matéria que se corporifica na narrativa, presenteando o leitor com fatos, muitas vezes, corriqueiros e com os quais os leitores se identificam:

Eu podia gostar muito mais da vinda do meu pai a Diamantina do que gosto. Ele vem todo sábado e volta segunda-feira. Os dias que ele passa em casa são tristes para nós e alegres para mamãe. A segunda-feira é alegre para nós e triste para mamãe.

² Letes, na mitologia grega, era a fonte da qual beberiam os mortos para se esquecerem da vida anterior, isto é, seria a fonte do esquecimento, que separa uma fase da vida de outra.

Haverá na vida suplício maior do que este que temos de agüentar todos os sábados e domingos? Temos de ficar sentadas à mesa uma hora inteira ouvindo os casos de meu pai (MORLEY, 1994, p. 33 - 34).

É possível observar a relação conflituosa entre uma geração mais velha, que valoriza os acontecimentos marcantes para os indivíduos e para a comunidade e, por isso, deseja repassá-los à geração mais jovem, que se enfada com estas histórias, chegando a ponto de sentirem repulsa pela presença daqueles que desejam narrar tais fatos, mesmo que seja o próprio pai. Mas, apesar da resistência em ouvir tais histórias, nota-se que estas narrativas acabam por tornar-se parte integrante da memória daqueles que apenas as ouvem. É por meio da memória que, tanto Helena quanto o pai, podem narrar os fatos ocorridos no passado. Na seqüência, apresenta-se um fragmento no qual a personagem narra uma história que o pai sempre lhe contava:

Seu Laje tinha o pescoço quebrado e só olhava para o chão. Meu pai conta que ele pegou todas as suas economias e pagou um médico estrangeiro que passou pela Diamantina e afiançou que o curava. O tal médico suspendeu-lhe o pescoço com umas talas e Seu Laje ficou um mês de cabeça em pé. No dia em que o doutor teve de ir embora, disse-lhe que ficasse com aquilo no pescoço mais uma semana, que ficava são. Passada uma semana, ele tirou as talas do pescoço, a cabeça tornou a cair, e Seu Laje ficou mais pobre e olhando para baixo da mesma maneira (MORLEY, 1994, p. 34).

Aqui, pode ser observada a narrativa de um acontecimento do qual a narradora não foi participante, antes, um fato do qual apenas tomou conhecimento graças às narrativas do pai. Segundo Halbwachs, as recordações de um indivíduo sobre o passado podem apoiar-se sobre as lembranças dos outros, isto é, a memória individual pode armazenar elementos tomados de depoimentos de outrem. Halbwachs observa que

a lembrança é em larga medida uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente, e além disso, preparada por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora manifestou-se já bem alterada. [...] Podemos então chamar de lembranças muitas representações que repousam, pelo menos em parte, em depoimentos e racionalização (HALBWACHS, 1990, p. 71).

Ecléa Bosi, nesta mesma perspectiva, também observa que a memória de um indivíduo apóia-se sobre as recordações de seus antepassados. Citando a autora,

a criança recebe do passado não só os dados da história escrita; mergulha suas raízes na história vivida, ou melhor, sobrevivida, das pessoas de idade que tomaram parte na sua socialização. Sem estas haveria apenas uma competência abstrata para lidar com os dados do passado, mas não a memória (BOSI, 1994, p. 73).

É o que se dá no fragmento apresentado, haja vista que o narrador narra um fato que não presenciou, mas que faz parte de sua memória, por lhe ter sido repassado por um antepassado.

Observando com maior atenção os fatos lembrados da infância, é possível perceber que muitas dessas recordações não passam de relatos que foram memorizados a partir das narrativas dos pais e pessoas próximas. Da mesma forma, sentimentos presentes podem influenciar na maneira como um fato é rememorado. A nostalgia de um “paraíso perdido”, por exemplo, pode contribuir para que haja uma evocação distorcida daquilo que realmente a infância representou. Também as lembranças dos pais que se foram costumam tomar uma aura de encantamento, sendo adulteradas à medida que se envelhece. Ou seja, além de pautarem-se na memória de outros indivíduos, as reminiscências também se apresentam impregnadas por emoções e sensações que envolveram os fatos no momento em que ocorreram e em que foram recordados. Segundo Bergson, o ato de recordar tenderia a transformar as lembranças em imagens, as quais, ao serem reevocadas, confundir-se-iam com o presente, o que permite dizer que o agora também influencia na rememoração. Relembrar seria atualizar o passado, transformando-o em presente. Este autor afirma que, “é do presente que parte o apelo ao qual a lembrança responde, e é dos elementos sensório-motores da ação presente que a lembrança retira o calor que lhe confere vida” (BERGSON, 1990, p. 125).

Da mesma forma que o acontecimento Seu Laje foi guardado na memória de Helena, a partir de um processo de memorização, também costumes, aparentemente banais, demonstram a existência de uma memória coletiva, exterior e anterior ao indivíduo, que regula sua memória pessoal. É o que fica exemplificado a seguir:

Chego na Chácara, procuro vovó e vou encontrá-la sentada no jardim, assistindo às negras fazerem velas de sebo.

– A benção, vovó!

– Deus te abençoe, minha filha.
(MORLEY, 1994, p. 16).

Percebe-se, neste fragmento, a presença de um costume próprio de gerações passadas, que consistia no ato dos mais jovens pedirem a benção aos pais, avós, padrinhos e clérigos. Este gesto deflagra, no texto, a presença de uma dada tradição, de origem judaico-cristã, que, passando de geração em geração, perpetua-se por meio da memória. A atitude de pedir a benção pode ser encarada como um exemplo da chamada “memória-hábito”, preconizada por Bergson, que seria a parte da memória regulada por uma vida psicológica bitolada pelos hábitos, gerada pela atenção e repetição, bem como pelas exigências da socialização, ou seja, a memória hábito poderia ser considerada uma espécie de “adestramento cultural”. “Nosso caráter, sempre presente em todas as nossas decisões, é exatamente a síntese atual de todos os nossos estados passados” (BERGSON, 1990, p. 120). E ainda, “a memória do corpo, constituída pelo conjunto dos sistemas sensório-motores que o hábito organizou, é portanto uma memória quase instantânea à qual a verdadeira memória do passado serve de base” (BERGSON, 1990, p. 125). Na visão de Halbwachs, os costumes modernos estão assentados sobre “ilhas de passado conservadas”, ou seja, o que somos, como agimos e pensamos dependerá dos fatos passados, que sobrevivem por meio da memória, influenciando no presente, mesmo que de forma inconsciente.

Nas sociedades em que se valorizam os costumes, o ato de rememorar, geralmente, é muito valorizado. É o que acontece na maioria das culturas orientais, nas quais a riqueza das tradições é repassada oralmente. O ato de narrar e de lembrar o passado, nestas sociedades, é algo muito valioso. Também nas religiões, a memória é utilizada como um importante instrumento para a perpetuação de tradições e rituais. No livro em análise, é possível observar, em diversos trechos, a menção a rituais religiosos, como ocorre, por exemplo, na seguinte passagem:

Mamãe diz que não e deve ficar alegre na Semana Santa, porque é a semana do sofrimento de Jesus. Eu creio muito nas outras coisas da religião, mas não acredito que ninguém fique triste do sofrimento de Jesus Cristo depois de tantos anos, e dele já estar no Céu, ressuscitado e feliz.

Eu adoro a Semana Santa! Não perco nada do primeiro dia até o último. Quando eu era menor acompanhei uma vez a procissão da Paixão, eu e Glorinha, carregando numa salva, atrás do esquife do Senhor Morto, os cravos e esponja que serviu para lhe dar vinagre na

cruz; e ficava admirada da ruindade dos homens que faziam de judeus.

Mamãe eu acho que aproveita mais do que eu. Ela traz para a casa velas, pão e palma benta. E quando o Senhor Morto fica exposto, temos todos obrigação de ir adorá-lo. Toda a família leva níqueis para trocar por vinténs, na salva dos pés do Senhor. Acreditei sempre na palma, na vela e no pão; mas no vintém que se diz que, a gente tendo em casa, não passa sem dinheiro, nunca pude acreditar. Sempre persegui mamãe com perguntas sem ela poder responder: “Mamãe, como é que a senhora troca todo ano um vintém do Senhor morto, e nós somos tão pobres?”

No pão, na vela e na palma, eu acredito tanto como mamãe. (MORLEY, 1994, p. 191 - 192).

Nota-se, no texto, a descrição de determinados rituais católicos realizados nos feriados da Semana Santa. Através destes rituais, os fatos não são apenas recordados, mas, de certa forma, ressuscitados por aqueles que deles participam. Segundo Octávio Paz, os feriados seriam o melhor exemplo do tempo rememorado que não apenas é lembrado, mas revivido, graças ao poder que teriam de interromper a marcha do tempo, possibilitando que um grupo atualize uma lembrança e fazendo, assim, com que determinado acontecimento renasça.

Para Mircea Eliade, os rituais religiosos revelam a tomada de consciência frente à existência do homem e sua relação consigo e com o cosmos. O simbolismo que reveste os diversos rituais religiosos seria uma das maiores criações da psique humana. No caso do cristianismo, o que mais o diferencia das outras religiões seria o valor dado ao tempo e à história, sendo que determinados rituais não seriam valorizados por si mesmos, antes,

pela revelação que ele comporta, revelação esta que o precede e o transcende. [...] o cristianismo se esforça por *salvar* a história; primeiro porque ele dá um valor ao Tempo histórico, em seguida porque, para o cristão, o acontecimento histórico, mesmo permanecendo o que é, torna-se capaz de transmitir uma mensagem trans-histórica (ELIADE, 1996, p. 170).

Os rituais teriam o poder de invocar “a nostalgia de um passado mitificado” que tem, “além da saudade de um tempo que acabou, mil outros sentidos” (1996, p. 13). Nesta perspectiva, torna-se pertinente afirmar que o valor dos rituais estaria na rememoração de determinados fatos históricos que, valorizados pelo que representam, necessitam perpetuar-se para as gerações futuras.

O narrador também apresenta a descrição de acontecimentos fantasiosos, como ocorre nas narrativas que envolvem um homem que, supostamente, teria o poder de se transformar em qualquer coisa que desejasse:

O assunto da cidade é o ladrão misterioso; na chácara de vovó não se fala noutra coisa. Dizem que ele tinha sumido, mas voltou e tem roubado muitas casas e lojas e ninguém consegue prendê-lo; quando vão tentando pegá-lo ele vira o que quer. Hoje Emídio e José Pedro chegaram na chácara horrorizados contando a proeza do tal ladrão. Ele entrou numa venda do Rio Grande e roubou muito. O dono chegou quando ele estava fazendo o saco e apitou. O povo do Rio Grande, que já estava prevenido, saiu todo para a rua para ajudar a pegar o ladrão. Ele saiu correndo e o povo atrás. Quando ele chegou perto do Glória, e já estava quase sendo pego, virou um cupim. Emídio e José Pedro contavam apavorados (MORLEY, 1994, p. 21).

Evidencia-se, neste fragmento, a presença de um imaginário cujos ingredientes manifestam-se por meio da memória, na qual, além dos fatos históricos, também estão inscritos os símbolos, imagens e mitos que permeiam a vida psíquica de todos os seres humanos. Bachelard observa que, no centro da psique humana encontrar-se-ia conservado o núcleo da infância, sendo nele que se unem, de forma mais intensa, a imaginação e a memória, criadoras dos mitos e das narrativas fantasiosas.

É comum, nas mitologias dos mais diversos povos, narrativas sobre metamorfismos, como ocorre, por exemplo, com o príncipe transformado em sapo e a princesa metamorfoseada em cisne, entre outros. Zeus, o principal dos deuses gregos, também se transmutaria em inúmeras entidades. No livro, a transformação do ladrão em objetos variados – vassoura, cadeira, cupim, etc – revela a presença desta memória mítica, da qual partilham todas as civilizações e que, por serem de natureza fantasiosa, não deixam, também, de revelar os costumes e crenças dos grupos que delas partilham.

Morley deixa transparecer uma espécie de encanto em relação à vida por entre as narrativas de sua infância. *Minha vida de menina*, citando as palavras de Alexandre Eulálio, apresenta-se também “como a evocação do pequeno mundo antigo, no momento em que a velha sociedade patriarcal ainda não desintegrou e parece manter intactas todas as suas coordenadas” (1994, p. xiii). Por meio das lembranças, as experiências que envolveram a infância de Morley são reconstruídas, revelando, através das reminiscências, um amplo

universo de valores e tradições de um tempo que somente se mantém vivos graças à existência da memória.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BACHELARD, Gaston. *A poética do devaneio*. Trad. Antonio de Pádua Danes. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- BERGSON, Henry. *Matéria e memória*. Trad. Paulo Neves da Silva. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- ELIADE, Mircea. *Imagens e símbolos*. Trad. Sonia Cristina Tamer. São Paulo: Martins fontes, 1996.
- EULÁLIO, Alexandre. Livro que nasceu clássico. In: MORLEY, Helena. *Minha vida de menina*. 17. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994, p. x-xiv.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Trad. Laurent Leon Schaffter. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 1990.
- MORLEY, Helena. *Minha vida de menina*. 17. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994.
- PAZ, Octavio. A dialética da solidão. In: *O labirinto da solidão*. Trad. Eliane Zagury. São Paulo: Paz e Terra, 1984.